



IZADORA PEREIRA MENDONÇA

**ALBERTO GUERREIRO RAMOS E OS ESTUDOS SOBRE O
NEGRO NO BRASIL**

LAVRAS - MG

2018

IZADORA PEREIRA MENDONÇA

ALBERTO GUERREIRO RAMOS E OS ESTUDOS SOBRE O NEGRO NO BRASIL

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Administração Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Dr. Gustavo Costa de Souza
Orientador

LAVRAS - MG

2018

IZADORA PEREIRA MENDONÇA

**ALBERTO GUERREIRO RAMOS E OS ESTUDOS SOBRE O NEGRO NO BRASIL
ALBERTO GUERREIRO RAMOS AND THE STUDIES ABOUT THE BLACK
IN BRAZIL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Administração Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADA em 03 / 12 / 2018.

Prof. Dr. Dany Flávio Tonelli – UFLA

Prof. Dr. Renato Silvério Campos - UFLA

Prof. Dr. Gustavo Costa de Souza
Orientador

LAVRAS - MG

2018

Aos meus pais: Antônio de Mendonça e Maria da Conceição Pereira Mendonça, por estarem sempre comigo, por todo apoio, compreensão e valores transmitidos.

Aos meus irmãos Mayra Pereira Mendonça e João Guilherme Pereira Mendonça, por serem as minhas inspirações a querer estudar sempre mais.

E, especialmente ao professor e orientador Gustavo Costa de Souza que esteve sempre ao meu lado me ajudando nessa caminhada e que sem ele este trabalho de conclusão de curso não seria possível.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado à oportunidade de chegar até aqui, por toda força e sabedoria para conseguir superar os obstáculos. Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos, a minha cunhada, aos meus familiares e aos meus amigos pelo incentivo e por todo apoio que me deram nesta longa caminhada. Agradeço, com grande amor, às minhas avós: Geralda Ana Leopoldina e Laura de Oliveira Pereira.

Agradeço ao meu orientador e professor Gustavo Costa de Souza por toda a orientação e construção da minha trajetória pessoal e profissional. Agradeço-o, também, por ter me ajudado a superar todas as dificuldades que passei ao longo dessa graduação e pela construção deste trabalho de conclusão de curso, o qual eu pude aprender muito além das minhas expectativas. Agradeço também aos demais professores do curso de graduação em Administração Pública, que eu tive a oportunidade de conhecer e aprender muito com eles ao longo da graduação.

Agradeço à Universidade Federal de Lavras por ter me proporcionado a morar no alojamento Estudantil durante esses seis anos que passei aqui. No alojamento Estudantil eu pude conhecer pessoas incríveis que me ajudaram ao longo dessa caminhada, as quais eu tenho enorme carinho e quero levá-las para a vida.

E por fim, agradeço ao Grupo de Oração Universitário (GOU) por ter me amparado nos meus momentos mais difíceis, onde eu pude me encontrar com Deus.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar quais são as contribuições de Alberto Guerreiro Ramos para verificar a questão do racismo no Brasil de hoje. A partir da indagação acima verificamos que a questão do racismo ainda apresenta dados que são observados na atualidade. A metodologia utilizada foi uma revisão narrativa de literatura, a partir da obra de Alberto Guerreiro Ramos e das obras que outros autores escreveram sobre ele. Os resultados alcançados, através da perspectiva dos estudos de Alberto Guerreiro Ramos, contata-se que é relevante para analisar a situação do negro e do racismo no Brasil, especialmente no que diz respeito à sua busca por um espaço na sociedade, uma vez que, eles não têm direitos iguais ao resto da sociedade brasileira. Uma vez que Alberto Guerreiro Ramos faz seus estudos sobre a cultura africana, analisando a identidade cultural resgatada pelos negros, o surgimento dessa cultura e a forma de ver a realidade do negro. Com isso, posteriormente, foi criado o Teatro Experimental do Negro, onde os conhecimentos de Alberto Guerreiro Ramos fizeram parte do teatro, junto com os autores e pessoas que ajudaram na construção do Teatro Experimental do Negro, teve a construção da Frente Negra Brasil, Associação dos negros no Brasil, o Museu de Arte Negra, Movimento Negro Unificado, o Centro de Cultura Arte e Negra, e Fundação Palmares.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos, Teatro Experimental do Negro, Negro, Negro no Brasil.

ABSTRACT

Alberto Guerreiro Ramos analyzes the contributions to verify the issue of racism in Brazil today? From the above question we find that the question of racism still presents data that are observed today. The methodology used was a narrative review of literature, based on the work of Alberto Guerreiro Ramos and the works that other authors wrote about him. The results obtained, observing the perspective of many studies by Alberto Guerreiro Ramos, are still relevant to analyze the situation in Brazil, especially with regard to its search for a space in society, since, they do not have equal rights nor common to all. Once Alberto Guerreiro Ramos studies the African culture, analyzing the cultural identity rescued by the blacks, the emergence of this culture and the way of seeing the reality of the black. After that, the Experimental Theater of the Negro was created, where the knowledge of Alberto Guerreiro Ramos was part of the theater, together with the authors and people who helped in the construction of the Black Experimental Theater, had the construction of the Frente Negra Brasil, Associação of blacks in Brazil, the Museum of Black Art, Unified Black Movement, the Center for Art and Black Culture, and Fundação Palmares.

Keywords: Warrior Ramos, Experimental Theater of Black, Black, Black in Brazil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Objetivos e justificativas do estudo	10
1.1.1	Objetivo geral	10
1.1.2	Objetivos específicos	10
1.2	Justificativas	10
1.2.1	Justificativas sociais e acadêmicas	10
2	METODOLOGIA	11
3	REVISÃO DA LITERATURA	14
3.1	As formações culturais do Movimento Negro no Brasil e a Matriz Tupi.	14
3.1.1	O povo brasileiro Darcy Ribeiro: Matriz Tupi	19
3.1.2	Relação do Teatro Experimental do Negro com a Matriz Tupi	20
3.2	A história do negro e a brancura: O negro tema, o negro-vida, e negritude	24
3.2.1	A democracia racial, questão racial e o entendimento do drama de ser dois	32
3.3	Análise do documentário: “Mesa de Discussão: O Teatro Experimental do Negro”	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, nascido em 13 de setembro de 1915, em Santo Amaro da Purificação-BA, tornou-se reconhecido internacionalmente por seus trabalhos e estudos de grande relevância política e acadêmica. Sua trajetória acadêmica começou na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, em 1942, tendo se formado um ano depois pela Faculdade de Direito da mesma cidade (FGV-CPDOC, 2001).

Assessorou Getúlio Vargas durante seu segundo mandato e, em seguida, atuou como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Este Instituto foi um dos maiores responsáveis pela formação de uma ideologia nacional-desenvolvimentista, desde sua criação até sua extinção em 1964, pelo Regime Militar. Segundo o Decreto 37.608 de 14 de julho de 1955:

O ISEB tem por finalidade o estudo, o ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da sociologia, da história, da economia e da política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira, visando à elaboração de instrumentos teóricos que permitam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional (BRASIL, Decreto 37.608, 1955).

Em 1960, ele se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e concorreu às eleições para deputado pelo Estado Guanabara, pela legenda da Aliança Socialista Trabalhista e como resultado obteve a segunda suplência. Em agosto de 1963, obteve uma vaga na Câmara dos Deputados, da qual fez parte até abril de 1964, quando seus direitos políticos foram cassados pelo Ato Institucional nº 1 (FGV, 2001).

Além disso, a sua vida profissional e acadêmica se caracteriza por seus estudos, participação em conferências internacionais e sua atuação, como: técnico de administração do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP); professor visitante da Universidade de Santa Catarina; professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (EBAP); funcionário do Departamento Nacional da Criança e dos cursos de sociologia e problemas econômicos e sociais do Brasil, criado pelo DASP; secretário do Grupo Executivo do BNDE; assessor da Secretaria de Educação da Bahia; delegado do Brasil junto à ONU. Deixou o Brasil em 1966, para fixar-se nos Estados Unidos, onde passou a lecionar na Universidade do Sul da Califórnia (FGV, 2001).

Analisa-se no livro “Guerreiro Ramos: Coletânea de Depoimentos”, que fala sobre o negro, a experiência que Guerreiro Ramos trouxe consigo as características do Teatro Experimental do Negro (TEN). As pessoas que conviveram com Guerreiro Ramos relatam que ele foi uma pessoa que cobrava o melhor das pessoas em relação as características do negro para a sociedade, de uma maneira diferente do que ele imaginava o preconceito.

As principais obras de Alberto Guerreiro Ramos são: Introdução crítica à sociologia Brasileira (1957); A redução sociológica (1965); O problema nacional do Brasil (1960); A crise do poder no Brasil (1961); Mito e verdade da revolução brasileira (1963); A nova ciência das organizações (1981); Administração e estratégia de desenvolvimento: elementos de uma sociologia especial da Administração (1966), publicado em segunda edição sob o título: Administração e Contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da administração (1983).

A questão do negro no Brasil para Alberto Guerreiro Ramos nos anos de 1940 trouxe o conteúdo do negro que “jamais deslocava do *mainstream* dos conhecimentos sociáveis deste período” (GUIMARÃES; MACEDO, 2008, p. 152 apud SHIOTA, 2014, p.75). Refletia nas questões apresentadas pelo escritor a insustentabilidade do racismo, por meio de pesquisas sociais dos norte-americanos, entre o culturalismo de Franz Boas e os exercícios da Escola de Chicago, interpretado por Robert Park (MAIO, 1997, apud SHIOTA, 2014, p. 75).

Além disso, o “racismo” é analisado por Guerreiro Ramos por ser remanescente e difundido no senso comum, tendo uma convicção que oferece a autoridade política e sociável das autoridades brancas, que é o preconceito de classe presente na sociedade (SHIOTA, 2014, p. 75).

Dentre os artigos de autores que abordam as reflexões de Guerreiro Ramos, sobre o negro no Brasil, temos: Sociologia Periférica e questão racial: revisitando Guerreiro Ramos (2015); A sociologia Periférica de Guerreiro Ramos (2015); Guerreiro Ramos interpela a UNESCO: Ciências sociais, militância e antirracismo (2015); O negro é povo no Brasil: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955); A atualidade do pensamento de Guerreiro Ramos: branquidade e nação (2015); A trajetória do negro na literatura brasileira (2004), dentre outros. É a partir destes estudos, além da própria obra de Guerreiro Ramos, que esta monografia se concentra. Neste sentido a questão norteadora neste estudo é: que contribuições de Alberto Guerreiro Ramos são úteis para tratar a questão do racismo no Brasil de hoje?

1.1 Objetivos e justificativas do estudo

1.1.1 Objetivo geral

- a) Analisar as contribuições de Alberto Guerreiro Ramos para tratar a questão do racismo no Brasil de hoje.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Analisar como Guerreiro Ramos tratou em sua obra a questão do negro no Brasil;
- b) Analisar autores que se basearam no pensamento de Guerreiro Ramos para tratar a questão do racismo no Brasil à luz de sua obra.

1.2 Justificativas

A análise que iremos desenvolver se justifica por tratar de um problema da sociedade brasileira, onde o negro historicamente tem desvantagens na sua vida profissional e social. Ainda que atualmente os negros possam ter mais chances de frequentar uma universidade pública ou particular do que há muitos anos atrás, questões relativas ao preconceito e ao racismo ainda permanecem em nossa sociedade e interferem na vida dos negros. Hoje, o negro tem mais espaço que antigamente, apesar de ainda existir o racismo entre as pessoas, o que não deveria existir na sociedade brasileira.

No Brasil há uma população negra significativa que sofre uma enorme violência. Várias pesquisas e notícias em jornais mostram que muitas pessoas negras são mortas por criminosos, sendo, de acordo com o Atlas da Violência: a população negra brasileira apresenta-se em 78,09%, tendo 10% dos indivíduos vítimas de homicídios (OLIVEIRA, 2017).

Segundo dados analisados pela Organização das Nações Unidas (ONU), no mercado de trabalho pretos e pardos são os que mais que enfrentam desafios na progressão da carreira, mostrando que a correspondência dos salários, acabando sendo os mais prejudicados junto com o assédio moral, que são dados do Ministério de Trabalho

(OLIVEIRA, 2017).

A comunidade dos negros é composta por pessoas que batalham na vida para ter garantia dos direitos e dos deveres que foram conquistados através de lutas e desafios enfrentados por eles. O racismo tem origem histórica e muitas pessoas negras brasileiras já sofreram racismo, porém os que não aceitam tratamentos racistas acabam denunciando esses tipos de atitudes.

Observam-se várias histórias na nossa sociedade brasileira de pessoas negras que vão à luta para conquistar conhecimentos, formas de viver em grupo e acabam se associando a diversas organizações, como: os sindicatos, que são grupos que tomam decisões para coletivo. Temos pessoas que se destacaram na história da sociedade brasileira como: o Quilombo dos Palmares, Alberto Guerreiro Ramos, Gilberto Gil, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), Glória Maria, Joaquim Barbosa, Nelson Mandela apesar de ter vindo da África, entre outros. As lutas que essas pessoas trilharam, fez com que os brasileiros negros alcançassem muitas conquistas que podem ser percebidas na atualidade.

1.2.1 Justificativas sociais e acadêmicas

Alberto Guerreiro Ramos apresentou nos seus estudos características sobre o racismo no Brasil, nos anos passados, as quais eu desconhecia.

Optei por esse estudo devido aos conhecimentos que já tinha sobre Alberto Guerreiro Ramos e por acreditar que o negro foi capaz de superar muitos obstáculos ao longo desses anos no Brasil, sendo de grande representação na nossa história como uma forma de superar o racismo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada tem por objetivo realizar uma revisão narrativa de literatura, a partir da obra de Alberto Guerreiro Ramos e das obras que outros autores escreveram sobre ele. Sendo assim, trata-se um estudo qualitativo, explorando os dados secundários de investigações para realização da pesquisa (GIL, 2010, p. 30).

Uma revisão narrativa de literatura refere-se a uma atribuição importante desta análise. Isso compreende identificar, pesquisar, resumir, mas examinar pesquisas anteriores como periódicos específicos, bibliografias, atas de conferências, apostilas, etc. Esses dados são importantes para a investigação de literatura analítica, que pertence às atividades imediatamente divulgadas em relação ao conteúdo (ECHER, 2001, p.07).

A revisão da literatura refere-se ao efeito e a dificuldade, mais o intuito de conseguir concepções referentes aos entendimentos, à prestação da análise com aquele processo de capacidade (ECHER, 2001, p.07).

A coleta de dados foi feita a partir de estudos analisados na pesquisa de revisão de literatura, com o objetivo de identificar o que os outros autores apontam como características do pensamento de Guerreiro Ramos, de estudos de casos que os autores presenciaram ou que contaram através de relatos vividos, a partir de um levantamento de artigos que consideramos pertinentes ao tema deste trabalho. Os critérios de seleção dos artigos baseou-se em cadernos CRH, em relatos dos livros, documentários que farão parte deste estudo, como os documentários: “Matriz Tupi” e “Mesa de Discussão: O Teatro Experimental do Negro”.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com apoio de instrumentos já apresentados. Especificamente, esta categoria de pesquisa compreende objetos escritos, como bibliografias, boletins, noticiários, teses, dissertações e anais de eventos científicos (GIL, 2010, p. 30).

Praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica. Tanto é que, na maioria das teses e dissertações desenvolvidas atualmente, um capítulo ou seção é dedicado à revisão bibliográfica que é elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento (GIL, 2010, p.29-30).

Verificamos que as análises que serão descritas partirão de estudos de outros autores, tendo como referências bibliográficas do autor, pessoas que conviveram com o

Guerreiro Ramos, que trabalham a partir de sua reflexão, e tantos pesquisadores que buscam contextualizar o problema do negro no Brasil. Abaixo, quadro dos artigos que foram analisados nesta pesquisa.

Quadro 1 - Artigos analisados durante a pesquisa

Artigo	Autor
Guerreiro Ramos: o personalismo negro.	BARBOSA M. S. Tempo Social. Revista de sociologia da USP, v. 18, nº2,p.172-257. Fev.2013.
Decreto nº 37.608, de 14 de Julho de 1955 - Publicação Original.	BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: < www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37608-14-julho-1955-336008-publicacaooriginal-1-pe.html >. Acesso em: 23 de Julho de 2018.
Sociologia periférica e questão racial: revisando Guerreiro Ramos.	BRINGEL B. LYNCH C., MAIO, M. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n.73, p.9-13, Jan/Abr. 2015.
O negro é o povo o Brasil: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955).	CAMPOS, L. A. Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p. 91-110, Jan./Abr. 2015.
Guerreiro Ramos: Coletânea de depoimentos.	CAVALCANTI, B.; DUZERT, Yann; MARQUES, Eduardo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p.240.
Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.	DOMINGUES, Petrônio. Tempo, 2007, vol.12, n.23, pp.100-122.
Folclore negro das Alagoas: áreas de cana de açúcar: pesquisa e interpretação	DUARTE, Abelardo. Maceió: Edufal, 2013
A trajetória do Negro na Literatura Brasileira.	FILHO, D. P. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro: nº25, 1997, p.159-77.
A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos).	GUIMARÃES, A. S. Tempo Social; Revista Sociologia, São Paulo, v. 13, p. 121-142, nov. 2001.
A atualidade do pensamento de Guerreiro Ramos: branquidade e nação.	JÚNIOR, J.F. Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p.111-125, Jan./Abr. 2015.

Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico.	LYNCH, E. C. Caderno C R H, Salvador, v. 28, n. 73, p. 27-45, Jan./Abr. 2015.
A sociologia periférica de Guerreiro Ramos.	MAIA, J. M. E. Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p. 47-58, Jan./Abr. 2015.
Guerreiro Ramos interpela a Unesco: ciências sociais militância e antirracismo.	MAIO, M. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 77-89, Jan./Abr. 2015.
Guerreiro Ramos e a questão racial no Brasil.	SHIOTA, R. R. Temáticas, Campinas, v.22, p. 73-102, jun. 2014.
Alberto Guerreiro Ramos e a autonomia dos estudos organizacionais críticos brasileiro: esboços de uma trajetória intelectual.	SOUZA, G. de Ornelas, A. L. Cad. EBAPE. BR, v. 13, nº3, Artigo 2, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2015.

Fonte: Do Autor (2018).

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 As formações culturais do Movimento Negro no Brasil e a Matriz Tupi.

No Brasil nos de 1889 e 1937, houve a criação da primeira fase do Movimento Negro dentro da República. Chegando ao Estado Novo, isso ocorreu para mostrar que a partir da escravatura, foi proferida o Reedita no Brasil nos anos de 1889. A corrente do conjunto político, todavia, jamais explicou a necessária utilidade elementos ou representativo para o público negro (DOMINGUES, p. 102,2007).

Seja politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere no sufrágio e as outras formas de participação política, seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”, seja ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus (DOMINGUES, p.103, 2007).

Rufino é o único autor que sustenta o pensamento ativista em relação aos negros, fazendo uma análise dos vários problemas existentes no procedimento histórico dos negros. Um dos seus estudos diz que os antecedentes africanos presentes no Brasil são a mudança pública do movimento racial (DOMINGUES, p.102, 2007).

O negro ainda preservava um estilo de vida e mentalidade advindos da escravidão. Mas, “se a igualdade jurídica do negro fosse equivalente a uma igualdade econômica e cultural, o seu ressentimento, pelo menos, o social teria sido escasso” (RAMOS, 1950, p. 45). As vivências do negro na sociedade brasileira em meio ao desfecho da abolição da escravidão no Brasil (que não emancipou o negro social, econômica e politicamente) e o preconceito de cor, a experiência cotidiana do negro tornava-lhe retraído e incapaz de transformar sua condição pessoal e social (SHIOTA, 2014, p. 80-81).

Muitas crenças, danças, foram vivenciadas por brasileiros com traços que trouxeram de outros países e cultura. Analisando o Brasil com África o surgimento de políticas de reparação ocorreram através de políticas culturais que foram implementadas.

Apesar da elite brasileira querer apagar da história brasileira as violências da escravidão, recolhendo e destruindo como ato de estado todos os documentos relativos ao tráfico de escravos, a nossa memória social, as narrativas, os cantos, as danças e os tambores não se calaram. É claro que este ato de ocultar o passado fez com que perdêssemos muitas informações e dados específicos da vida negra no período colonial.

Porém, como toda cultura de resistência, a vida da nação negra não se apagou e se faz pulsar em nosso dia a dia. As sobrevivências africanas alimentam a alma brasileira na: música, nas danças, na religiosidade, na linguagem, na alimentação, nas festividades e nas formas de organização política dos quilombos (BATISTE, 1960, apud DUARTE 2010, p.37).

O conceito de cultura pode ser bem amplo e complexo. Existem inúmeras definições referentes ao tema: Edward B. Tylor traz uma definição mais genérica da temática em que para ele cultura é "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (apud Laraia, 2006, p.25). Além disso, a discussão sobre cultura é interdisciplinar, ou seja, ela permeia vários campos de estudos, e para cada um deles a discussão toma para si um enfoque diferente.

Com finalidade de voltar a essa descrição de normatização no esclarecer da República, os que foram libertados, ex- vassalos e sua descendência estabeleceram os desenvolvimentos de movimentação racial negra no Brasil, estabelecendo primeiramente décadas de associações (grêmios, grupos ou equipes) em poucos momentos da pátria.

Segundo Domingues (2007), em São Paulo surgiram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Comunidade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917). No Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos Homens de Cor. Em Pelotas/RG, a Comunidade Progresso da Raça Africana (1891). Em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918).

Segundo Domingues (2007), em São Paulo a instituição negra também antiga desse tempo foi o Clube 28 de Setembro, formado em 1897. As melhores foram o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, instituídos em 1908 e 1926, nessa ordem. De sinal muito apoiante, recreativo e/ou cultural, as comunidades negras alcançava conciliar um algarismo jamais mínimo de "homens de cor", como se expressava no século. Uma delas possuíram como apoio de desenvolvimento "definidas classes de trabalhadores negros, semelhantes como: portuários, ferroviários e ensacadores, fazendo uma espécie de associação sindical." Pinto contou a vivência de 123 instituições negras em

São Paulo, entre 1907 e 1937. Já Muller descobriu comprovantes da criação de 72 em Porto Alegre, de 1889 a 1920, 10 em Loner, 53 em Pelotas/RS, entre 1888 e 1929. Existiam sociedades enormes exclusivamente por mulheres negras, quase a Comunidade Brinco das Princesas (1925), em São Paulo, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul(1908), em Pelotas.

Segundo Domingues (2007), atualmente surgiu o que se chama imprensa negra: os periódicos publicados por negros e realizados para proteger de perguntas. “Para um dos fundamentais dirigentes negros do século, José Correia Leite, “a identidade negra tinha obrigação de uma imprensa seleção, que conduza notícias que não se falha em outra parcela”. Em São Paulo, o principal periódico foi a Pátria, de 1899, como suplente Órgão dos Homens de Cor.

Ainda segundo Domingues (2007), entre vários documentos foram identificados em apresentação do local: O combate, em 1912; O Menelick, em 1915, O Bandeirante em 1918; O Alfinete, em 1918; A Liberdade, em 1918; e A Sentinela, em 1920. No município de Campinas, O Baluarte, em 1903, e O Getulino, em 1923. O primeiro elemento fundamental nos noticiários desta época foi Clarim da Alvorada, emitido em 1924, o controle de José Correia Leite e Jayme Aguiar. Nos anos de 1930, avalia-se a realidade de pouco, 31 dos exemplares mostra que em São Paulo. A imprensa negra alcançava agregar em conjunto significativa de cidadãos para executar combate contra “discriminação de cor”, como se afirmava no tempo.

Conforme Domingues (2007), no decênio de 1930, a movimentação do negro ofereceu uma transição qualitativa, com a formação, em 1931, em São Paulo, da Frente Negra Brasileira(FNB), analisada a seguinte do Centro Cívico Palmares, de 1926. Estes aspectos às principais instituições negras com exigência políticas mais determinadas. Na principal metade da época XX, a FNB foi a mais interessante fundação negra do país. Com “delegações“ categorias de agências e associações homônimos em vários estados (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia), convocou milhares de “pessoas de cor”, podendo modificar o Movimento Negro Brasileiro em modificar de tamanho (DOMINGUES, p. 104, 2007).

Pelos pressupostos de um de seus responsáveis, a FNB conquistou a passar os 20 mil relacionados. A fundação cresceu um ponto relevante de organização, mantendo escola, grupos musicais e teatrais, times de futebol, departamento jurídico, além de ofertar trabalho

médico e odontológico, curso de formação política, de artes e ofícios, assim conforme publicar um noticiário, o A Voz da Raça.

Ainda segundo Domingues (2007), na época, as mulheres negras não tinham somente interesse simbólico na mudança do movimento negro. De acordo com entrevista do antigo ativista Francisco Lucrecio, elas eram ainda presença na luta em ajuda do negro, de maneira que na Frente Negra ao maior elemento que era mulheres. Um período imprevisto muito amplo, eram elas que tipo completa mudança. Altivamente do excesso de Lucrecio, consegue notar que as mulheres atribuir-se várias funções na FNB (DOMINGUES, p. 104, 2007).

A batalha feminina, por modelo, estimula as negras para acontecer atividades assistencialistas. Já outra representação feminina, as Rosas Negras, construíram danças e festas artísticas. Em 1936, a FNB modificou-se em partido político e procurar envolver-se das seguintes eleições, a conclusão de acumular o voto dos “indivíduos de cor”. Dominada pela condição mundial de ascendência do nazifascismo, notabilizou-se por proteger um planejamento político e princípios absolutistas e transferencial. Sua importante autoridade, Arlindo Veiga dos Santos, elogiava abertamente a regência de Benedito Mussolini, na Itália, e Adolf Hitler, na Alemanha. O suplente do jornal A Voz da Raça na verdade era significativo: “Deus, Pátria, Raça e Família”, determinando-se do primeiro emblema absolutamente .(movimento de extrema direita brasileira) exclusivamente no final “Raça” (DOMINGUES, p. 104, 2007).

Atualmente os estudos da questão dos negros e negras no Brasil de hoje, mostra que a história brasileira, trouxe características de quando os índios jesuítas vieram para o Brasil ensinar a população que estava aqui na época.

Na África de acordo com dados históricos, não há registro de quando os negros vieram para o Brasil ou foram colonizados, no período escravocrata que existiu naquela época pode ter ocorrido e não há dados que estejam escritos que aconteceu na África neste período.

Para construirmos este novo olhar histórico e relacional entre o Brasil e a África, temos que primeiro romper com o conceito clássico de história fundado em moldes eurocêntricos, o qual afirma ser o fenômeno histórico aquele que é escrito e datado de forma fiel a realidade. Assim, para o pensamento histórico clássico, todos os registros que não estivessem escritos eram ditos como dados infiéis a história. Com esta concepção que Hegel afirma que a África negra, por não ter em seus nativos registros

históricos escritos, não tinham história, e que esta história só passou a existir com os registros dos colonizadores. Para ele, o processo de colonização é que trouxe à África para história, e que antes disso, estes povos encontravam-se em sua pré-história (SANTOS, 2011).

Alguns dados podem verificar que a importância da África com o Brasil ocorreu devido aos grupos de quatro ciclos sendo a divisão do comércio escravista que é o ciclo da Guiné, o ciclo de Angola-Congo, o ciclo da Costa mineira e o ciclo de Benin.

Com esta concepção Africana de história que devemos buscar compreender as contribuições e relações estabelecidas entre o Brasil e a África, principalmente os vínculos com a África Lusófona, composta por diversos países como: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Regiões onde o tráfico negreiro era intenso, que durou cerca de três séculos e mais meio século de forma clandestina, nos fins do século XVIII e início do século XIX, quando teve seu fim em 1850. Neste período o Brasil tornou-se o maior importador de mão de obra africana do mundo, com estimativas de negros vítimas do sistema escravagista que chegam de doze a cinquenta milhões de pessoas (RIBEIRO, 1996).

Autores na liderança política do Movimento Negro sendo eles José Correia Leite, Francisco Lucrecio, Abadias do Nascimento, Hamilton Cardoso, Lélia Gonzalez, dentre outros que expressaram através de depoimentos, traços, e escritos (DOMINGUES, p. 101, 2007).

O movimento negro advém do conflito dos negros no entendimento de determinar seus impasses no agrupamento extensivo, em específico os procedentes dos discriminados e diferenças raciais, que os afastam no comércio de emprego, no sistema educativo, no sistema público, coletivo e científico. Com o movimento negro, a “raça” e, consecutivo, a identificação concebível, é usada jamais só como fundamentos de movimentação, mas similarmente de interposição das exigências políticas. Em outros termos a palavra raça no movimento negro, é causa deliberativa de ordenação dos negros em volta de uma proposta geral de prática.

Outro significado de movimento negro de acordo com Joel Rufino dos Santos citado por Domingues Petrônio.

Segundo Domingues (2007), perfeitamente as instituições, de alguma natureza, e atitudes, de certo tempo. Ai entendido equivalente ao contrário física e cultural do negro, feito e desenvolvido por pretos e negros (...). Organizações religiosas que terreiros de candomblé, por exemplo, assessoriais como as associações coloniais, divertido como grupos de negros, artísticas como as numerosas equipes de dança, capoeira, teatro, poesia,

culturais como os vários centros de pesquisa e políticas como a mudança do Negro Unificado, e atitudes de movimentação política, de decisão anti-discriminatório, de aquilombamento, de persistência carregada, de desenvolvimentos artísticos, representar e folclóricos completamente esse difícil dinâmica, conhecida ou carregada, indeterminada ou diária, estabelece mudança do negro (DOMINGUES, p. 101, 2007).

3.1.1 O povo brasileiro Darcy Ribeiro: Matriz Tupi

De acordo com o vídeo de Darcy Ribeiro, a Matriz Tupi, os povos vieram de inúmeras e muitas línguas dirigem-se os tupis Guaranis, eles necessitam ter surgido do Oeste ou Nordeste da Amazônia, foram até a exaustão pantanal e um dia transpassaram o pantanal brasileiro passando aos litorais saindo do litoral poder foi pro norte braço foi pro sul, os tupis no período muito também muito variado na seu conhecimento eles correram os homens aqui ou subjogaram ninguém sabe e interesse por essas manifestações dos tupis que foram até a Amazônia e foi diretamente esse quadro cortado pelos tupis é que os portugueses foram um dia encontrar aqui o Brasil.

Não era evidentemente um governo era o interesse de grupos tribais que tinham um povoado numa comunidade extinta e escassa. O índio no esforço de seus costumes se chega por isso do próprio ele é representante suficiente sabe gerar tudo o que ele irá necessitar formar ao extenso de sua vida, conhece gerar a sua casa gerando a sua roça, plantar e colher, conhece formar os seus utensílios de trabalho seu corte, o restante de sua canoa sabe formar esteira, conhece formar é rede e formar participar as espécies do sua natureza que serve um alimento como medicamento.

A ocupação social da Guerra entre os tupis era uma função em fase da sua direção aos extensos espaços de longo e toda função os tupis guaranis provocaram nomes para os antepassados, para as fases das resistes para os rios, para as áreas então o colonizador inventou o país que já existiam citações deixadas através dos grupos tupis.

A comunidade tupinambá era composta por 04 a 08 malocas incluindo poucos menos de 04 metros só uma maloca controlavam morar até 600 pessoas aparenta a casa um embaraçado um canto mais outros formam farinhas e bebidas, porém é desequilibrado correspondência com eles que em todo ano jamais uma só peleja e com não possuem nenhum fechado jamais existe roubos e se for a diferente e algum governo jamais controlariam existir da forma que vivem.

A experiência do convívio e da conservação era separar do padrão dos mais servidos, e no formar e reformar, a autoridade realizada pelos morubixabas suportava-se nos acontecimentos carismáticos, no comércio de menores presentes e vantagens.

3.1.2 O Teatro Experimental do Negro e as contribuições do Congresso da UNESCO

O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu com o Abadias Nascimento que após assistir uma peça teatral no Peru observou que um personagem branco se tingiu de cor preta para interpretar o personagem negro que era a trama da peça teatral que o autor tinha assistido. Com isso, trouxe a ideia de fazer o primeiro teatro no Brasil, surgindo o Teatro Experimental do Negro.

Então Alberto Guerreiro Ramos faz seus estudos sobre a cultura africana, analisando a identidade cultural resgatada pelos negros, as origens dessa cultura e a forma de ver a realidade do negro. Com isso, posteriormente, foi criado o Teatro Experimental do Negro, onde os conhecimentos de Alberto Guerreiro Ramos fizeram parte do teatro, junto com os autores e pessoas que ajudaram na construção do Teatro Experimental do Negro, houve a construção da Frente Negra Brasil em 1931, Associação dos negros no Brasil em 1945, a Associação Cultural do Negro em 1954, o Museu de Arte Negra em 1968, Movimento Negro Unificado na década de 70 e 80, o Centro de Cultura Arte e Negra, e Fundação Palmares que foi criado no ano de 1988 um pouco da história do surgimento de algumas construções no Brasil que se destacaram e ainda estão presente na nossa história.

A negritude é definida por uma pessoa negra, que tem epiderme preta, durante as pesquisas, relacionando a negritude e o branco. Isso mostra o que Alberto Guerreiro Ramos, os estudos que investigamos o porquê que o autor queria mostrar a relação ao negro através dos avanços para a sociedade brasileira, deixando a ideia que Abadias Nascimento mostraram uma forma que um homem se pintou para a peça teatral representando um negro. Com isso observa-se que o Teatro Experimental do Negro, houve a construção devida à ausência de um teatro no seu próprio País, dentre esse pensamento porque um homem branco se pintar de branco se pintar de tinta para uma peça teatral.

As análises sobre a polêmica do Teatro Experimental do Negro (TEN) e a participação de Alberto Guerreiro Ramos, mostra que estava ocorrendo à conferência da UNESCO houve várias discussões sobre as propostas apresentadas por Alberto Guerreiro Ramos, sendo três essas propostas:

A 1ª é a assistência de permanecer comunicativo junto aos próprios negros;

A 2ª proposta é a aproximação na interseção sociológica e psicológica na medida da influência nos conhecimentos do clínico psiquiatra e sociólogo Jacob Moreno.

A 3ª proposta é a avaliação ao culturalismo, com habilidade que destaca questões culturais, as formas que moveriam os negros a elevar-se com a sociedade.

Guerreiro posiciona-se contra a visão do negro como “material etnográfico”, em detrimento de uma perspectiva de transformação da condição social marginalizada da população de cor (Guerreiro Ramos, 1950a).

As propostas foram derrotadas, porque no Congresso da UNESCO, os participantes do evento não queriam apoiar as decisões políticas que a UNESCO trazia para o debate. Os efeitos eram o regime estendido da proposta da UNESCO, como a obrigação de transformar a ideia principal. O progresso do projeto e as propostas expressaram na alternativa de produção abriu muitos entendimentos aos estudos que apareceram no estudo de profissionais sociais, ampliando os conhecimentos internacionais de informações, pessoas que estavam fazendo a experiência em campo nacional para o campo internacional do conhecimento, troca de informações entre eles que se trocaram no Congresso.

Com essa insatisfação, as propostas analisadas por Guerreiro Ramos são resultados que a administração com a declaração da Unesco, as quais ele queria que elas fossem aprovadas, porém elas foram recusadas.

Atribuiu-se a evolução na perspectiva da prática um grupo de investigações para verificar o pensamento anterior de especialistas comunicativos das marcações universais, expandindo ao longo de parcerias e propostas de investigadores locais e exteriores, através de formas diferentes de educação e investigação no Brasil. No final, as propostas expostas no Congresso da UNESCO foi um caminho para de entender e surgir ideias para o Teatro Experimental do Negro.

Nas décadas de 1930 e 1950, apresentam poucos cientistas negros que defenderam a positividade da negritude em que a configuração julgasse a ideia de que o Brasil era ou encontrava uma democracia racial. Dentre os conceitos, mostrados acima, surge o Teatro Experimental do Negro (TEN), que houve um avanço para a influência do negro no Brasil.

Campos (2015) apresenta que o Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu através de Abdias do Nascimento, que trouxe a ideia após assistir a uma peça de teatro no Peru, e pensando em seu país que um personagem negro se tingiu de tinta preta para representar uma peça teatral. Assim, ele analisou os questionamentos sobre a ausência do negro no

teatro brasileiro.

[...] na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido”. (Nascimento, 2004). Seria essa “constatação melancólica” que levava Abdias a criar “um organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse (CAMPOS, 2015, citado por NASCIMENTO, 2004).

Campos (2015) relata que o TEN, foi fundado em 1944, com base nos seguintes nomes: Aguinaldo de Oliveira Camargo, Wilson Tibério, Teodorico dos Santos e José Herbel, incluindo Sebastião Rodrigues Alves, Arinda Serafim, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, entre outros.

Em vários textos, tanto Guerreiro quanto Abdias destacaram a forte reação da intelligentsia tradicional à iniciativa, sobre a denúncia de sectarismo de uma organização que se dizia “negra” (Nascimento, 2004, p. 210; citado por Ramos, 1955). Mas, a despeito de tais acusações, o TEN manteve um compromisso durante quase toda sua existência com o ideal da democracia racial e com parte das elites brancas brasileiras, posturas classificadas, décadas depois, por Abdias como reflexos de um “comportamento demasiadamente conciliador para com a posição dos brancos liberais (CAMPOS, 2015, citado por NASCIMENTO, 1982).

Dentre as considerações presentes acima na citação, o procedimento era tangido de equívoco. De acordo com Maio:

[...] o TEN viveu durante os anos 40 e 50 uma situação ambígua. Em vários momentos, sua liderança política e intelectual oscilou entre o reconhecimento dos legítimos direitos dos negros à cidadania plena e o diagnóstico da incapacidade temporária dos negros de exercer a política por terem uma mentalidade pré-lógica, pré-letrada. Ademais, o TEN acreditava que os negros deveriam seguir os caminhos trilhados pelas classes médias e dominantes no Brasil. Portanto, o TEN viveria o dilema entre a afirmação política da identidade negra e a influência do etnocentrismo europeu adaptado à realidade brasileira a “ideologia do branqueamento” (CAMPOS, 2015, citado por MAIO, 1997).

Campos (2015) apresentam que a abertura desse posicionamento observa-se na formação de experimentar até aquele momento no I Congresso do Negro Brasileiro que ocorreu o fenômeno classificado pelo TEN em 1950 e que ligaria ao entendimento negro como especialistas no assunto daquela época: Gilberto Freyre, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Edison Nogueira, Oracy Nogueira etc. Apesar de que já efetuasse a função do TEN, a atuação de Guerreiro Ramos no Congresso, além disso, foi ambígua, na quantidade em que

Guerreiro Ramos se arrumava como parte da reunião de entendedores na pergunta racial, ou como um dos elementos do entendimento negro do TEN.

Alberto Guerreiro Ramos começou o estudo o negro, no Teatro Experimental do Negro, o autor surpreendeu com os escritos da sociologia tradicional sobre o negro:

[...] à primeira vista, tinha-se a impressão de que havia no país uma consciência do problema, criada pelos numerosos livros escritos sobre o tema. Mas é preciso ter vindo ‘de fora’, como é o caso deste rabiscador, ‘ser novo no assunto’, para se constatar como é assustadora a situação dos estudos sobre o negro no Brasil (RAMOS, 1950c).

Campos (2015) apresenta o entendimento da nação de coisas à luz de um programa de Estado, Guerreiro Ramos acrescenta: “não hesito em dizer mesmo que, do ponto de vista do interesse nacional, a maioria de nossos estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro contribuíram para travar o processo de evolução cultural das massas de cor” (Ramos, 1950c).

Campos (2015) Analisando após a morte de Aguinaldo Camargo, um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro é membro do TEN, Alberto Guerreiro Ramos descrevem reafirmando a negritude, como forma de aprendizado.

Guerreiro assevera: “a tese da negritude, afirmada por uma elite de intelectuais de cor, e que se concretiza no Teatro Experimental do Negro, representa uma superação do imperialismo antropológico e sociológico, à luz do qual tem sido considerado o chamado problema do negro no Brasil” (Ramos, 1952).

A adesão à afirmação da negritude por Guerreiro não implica, contudo, o abandono do ideal da democracia racial, ao contrário. Em um texto ainda de 1950, ele reitera a sua admiração pela capacidade da sociedade brasileira absorver elementos culturais diversos: Humana, demasiadamente humana, é a cultura brasileira, por isto que, sem desintegrar-se, absorve as idiosincrasias espirituais, as mais variadas. E até compõe com elas a sua vocação ecumênica, a sua índole compreensiva e tolerante. A cultura brasileira é, assim, essencialmente católica, no sentido que nada do que é humano lhe é estranho (RAMOS, 1950a).

Barbosa (2006) apresentou que no Brasil, estes significados encaixam na negritude francófona, esses significados foram aprendidos por Alberto Guerreiro Ramos, quando entrou no Teatro Experimental da Negritude (TEN), o entendimento para o autor foi através do personalismo e existencialismo.

A primeira originalidade de Alberto Guerreiro Ramos foi entender este conceito de negritude, originalmente da negritude francófona, interpretando-o desde sua filosofia existencialista e personalista. O segundo ponto foi relacionar negritude e povo, um conceito muito caro as suas análises sociológicas nas décadas de 1950-1960 (Guerreiro Ramos, 1950-1960).

Campos (2015) observam que no Brasil, a discussão sobre a desigualdade conseguiu o entendimento comum após atos positivos raciais, apareceu com a originalidade do conceito de democracia racial justificando os pontos positivos que a negritude, trouxe entre as técnicas essenciais presente no Brasil.

Com o aprendizado que Alberto Guerreiro Ramos obteve ao participar do TEN Teatro Experimental do Negro, as experiências que adquiriu mostraram que foi uma evolução, profissional e pessoal. A sociologia periférica analisa que os estudos têm o propósito de mostrar a história, clareando escritores, sociedades, hipóteses e disciplinas teóricas elaboradas em situações periféricas que contribuíram para formar mensagens e concepções de longa passagem na observação coletiva, mas que jamais são validados conforme relacionados e apresenta na história hegemônica.

Maio (2015) apresenta a sociologia periférica, analisada por Alberto Guerreiro Ramos, mostra que as histórias, anteriores vividas pelos negros são retrato vindo da cultura afro-brasileira, que trouxe através dos dados históricos, como os negros se conseguiam infiltrar como o próprio Alberto Guerreiro Ramos, que após entrar para o Teatro Experimental do Negro aprendeu lá dentro.

3.2 A história do negro e a brancura: O negro tema, o negro-vida, e negritude

Filho (2004) analisa que a palavra “negro”, a qual ele constatou que ela surgiu no século XIX no Brasil, antes da Segunda Guerra Mundial. Assim, neste contexto o negro começa a fazer parte da literatura brasileira.

Alberto Guerreiro Ramos, nos estudos verifica que há uma rivalidade entre a palavra negro e brancura, alguns autores consideram que a diferença existente é a forma como são tratados na sociedade brasileira, muitos sofrem preconceitos são discriminados e outros autores pensam que o branco tem mais vantagem sobre o negro.

O estabelecimento comprometido só inicia a realizar-se realmente a distribuir a partir de discursos percursoras, na existência de 1930 e 1940, conquista esforço a partir da existência de 1960 e aparecimento excelente através de equipes de autores falados

visivelmente como negros ou resultantes de negros na existência de 1970 e no curso do decênio de 1980, impressionados com indicar, em suas ações, a afirmação científica da exigência negra na prática brasileira. As falas permanecem na existência dos 1990 e na oportunidade, ainda que com mínimo comparecimento no resultado público. Essa conquista de posicionamento literário compara-se com os desenvolvimentos de compreensão dos negros brasileiros que apresentam o início do período contemporâneo e vem utilizando contornos muito nítidos e determinados ao longo desse tempo reconhecido, com maior ou menor indiciam (FILHO, 2004, p.176). Em 1915, surgiu na imprensa de periódicos especializados, através deles Menelik (1915-1935), o Clarim da Alvorada (1924-1937), Voz da Raça (1924-1937), e em 1931 aparece a Frente Negra Brasileira (FILHO, 2004, p.176).

Segue-se o interregno da ditadura getuliana. As vozes voltam a clamar a partir de 1945, através, entre outras publicações, de Mundo Novo, Novo Horizonte, Alvorada. Nesse mesmo ano, funda-se a Associação de Negros Brasileiros; de 1944 é a criação do Teatro Experimental do Negro, onde se ressalta a figura de Abdias do Nascimento, também fundador, em 1968, do Museu de Arte Negra. Data de 1978 a fundação do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCAR), depois Movimento Negro Unificado (MNU). Deste mesmo ano é a criação, em São Paulo, do Centro de Cultura e Arte Negra. No âmbito oficial, cria-se, nos anos de 1980, a Fundação Palmares. São algumas das publicações, entidades e movimentos de posições diferenciadas quanto ao equacionamento do problema, mas todas com o mesmo núcleo de preocupação: a causa do negro brasileiro (FILHO, 2004, p.176).

Com isso, Alberto Guerreiro Ramos entrou para o Teatro Experimental do Negro, com a participação trouxe uma característica e entendimento diferente do negro. No Brasil há muitos registros, de que houve muitos sofrimentos raciais vividos por muitas pessoas.

Negro: O primeiro era a noção que dominava antes da Segunda Guerra Mundial, qual seja, o simples reconhecimento do fato de ser negro, uma de aceitação de seu destino, história e cultura – princípios formadores de uma identidade negra positiva e orgulhosa (MUNANGA, 1988, p. 44).

Nesse mesmo viés, Ramos cita que:

O negro é povo, no Brasil. Não é componente estranho de nossa demografia. Ao contrário, é a sua mais importante matriz demográfica. E este fato tem de ser erigido à categoria de valor, como o exige a nossa dignidade e o nosso orgulho de povo independente. O negro no Brasil não é anedota, é um parâmetro da realidade nacional (RAMOS, 1995 [1957], p.200).

Segundo Filho (2004) afirmam que se representa em obras nos quais o negro está aproximando do protagonista, junto a existência do negro através do histórico-cultural do Brasil, como retornam o argumento. Contorna, porém, métodos que, junto algumas reservas, apresentam pensamentos, comportamentos atraentes aos brancos.

Júnior (2015) observa a brancura através dos estudos de Alberto Guerreiro Ramos, mostrando que no Brasil poderia na prática ter uma identidade e uma cultura nacional. Outros autores analisam que o branco pode ser dominante aqui no Brasil, em relação aos negros.

Até aqui se tem falado numa antropologia e numa sociologia do negro. Hoje, condições objetivas da sociedade brasileira colocam o problema do “branco” e aqueles estudos “antropológicos” e “sociológicos” rapidamente perdem atualidade [...]. No plano ideológico, é dominante ainda a brancura como critério de estética social (Ramos, 1957, p. 216).

Ao tomar o negro como “assunto”, essa vertente do estudo acadêmico, eivada de branquidade, estaria congelando as forças vivas da sociedade brasileira, elas, sim, capazes de construir, na prática, uma identidade e uma cultura verdadeiramente nacionais. Tal identidade e tal cultura estariam em fluxo contínuo, em evolução, e o esforço de congelá-la seria, em si, um atentado contra o Brasil, feito de uma perspectiva branca, europeizante e ocidentalizante (JÚNIOR, 2015 p. 117).

A seguir iremos destacar alguns significados importantes que traçou a trajetória de Alberto Guerreiro Ramos em seus estudos, para a construção do negro da história no Brasil:

O negro-tema: é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção (Guerreiro Ramos, 1995, p. 215).

O negro-vida: é entrelaçado, algo que não se deixa imobilizar, é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã não é hoje (Guerreiro Ramos, 1995 [1955], p. 215).

Negritude: tentativa consciente do autor de relativizar a importância da identidade negra, diante de sua preocupação mais premente à época: a construção da nação, em especial, depois de sua integração ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) (Barbosa, 2006, p. 222).

O negro-vida é a forma de como a vida é vivida na sociedade, mostra que o negro vive de uma realidade de antes e que a realidade de hoje é a mesma, essa comparação mostra que a vida é uma forma de viver na sociedade brasileira através de como as pessoas vão para a luta. Um exemplo é a Marielle Franco que foi assassinada na cidade do Rio de Janeiro em 2018, a qual vivia em prol de defender a classe das mulheres, dos pobres e dos negros no Brasil.

Podemos analisar que a negritude passa a ser uma forma de cultura que utiliza na forma de ser uma cultura africana que foi resgatada pelos negros e a cultura negra onde surgiu no Brasil, há uma forma de ver a realidade do negro.

Os propósitos de afirmação étnica e de identidade cultural, o espírito de grupo, aliados às dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam, levaram-nos a integrar grupos e movimentos, entre eles o grupo Quilombo hoje, de São Paulo, criado em 1980, responsável pela publicação dos Cadernos negros, periódicos divulgadores com vários números em circulação, o grupo Negrícia, Poesia e Arte do Crioulo, lançado no Rio de Janeiro, em 1982, e o grupo Gens (Grupo de Escritores Negros de Salvador, que data de 1985) (FILHO, 2004, p. 178).

Verificamos que os significados de negro-tema, negro-vida, e negritude, são pontos que se interligam mostrando que o negro tem oportunidade na vida, como a aceitação da própria história, dos costumes das formas de como a cultura africana que trouxeram das histórias antigas.

Posto que a sociologia deveria contribuir para o desenvolvimento do Brasil, produzindo uma autoconsciência da nação a partir da redução sociológica das ideias estrangeiras, o ideal da brancura é elevado por Guerreiro à condição de inimigo fundamental de sua teoria. O niger sum, o ato de assumir “eu sou negro”, não se opõe à mestiçagem, mas ao elogio da brancura, ideia fora do lugar, que nega o caráter mestiço e uno do nosso povo. Não se trata, porém, de um juízo estático e definitivo sobre o valor da negritude, mas uma aceitação de que o negro-vida é um momento dialético necessário ao desenvolvimento nacional (CAMPOS, 2015, p. 93).

Os pontos relativos aos negros são tratados de forma diferente do branco, porque nos estudos são relacionados, porque o negro não tem tantas chances de ser um profissional. Dentro dos conhecimentos existentes, o negro é uma evolução da realidade, porque antes o negro era considerado escravo dos senhores feudais. O negro fazia os serviços braçais, eram empregados e faziam o que os empregados pediam.

Alberto Guerreiro Ramos trata da questão racial em seus estudos através de comparação do “problema do negro”, com as relações sociais, mostrando que o conteúdo da sociologia periférica e a teoria pós-colonial, que provoca progresso importante pelos manuscritos de Guerreiro Ramos e contorna uma enorme série de questões: sua análise a prática de aprendizados afro-brasileiros, a ação de concepções sociológicas, o modelo da Escola Sociológica de Chicago, acima os conhecidos entre etnia e espécie, as correspondências entre ciências sociais e acordo estadista, os estudos entre (sociologia versus antropologia) mostra uma alteração social, o escrito do Estado o negro brasileiro

apresenta formas de preconceito voltadas ao estrangeiro, à questão estadista em roda da negritude, em compreensão transnacional, os traçados do pensamento da soberania racial à brasileira, e o contrário tático antirracistas de Guerreiro Ramos (BRINGEL, LYNCH, MAIO, 2015).

A teoria da branquidade aparece, assim, como questão central por sua tentativa de voltar à análise, não para o “problema do negro”, e sim, para a constituição do branco em um sistema de relações raciais, o que nos leva a uma agenda de pesquisa mais abrangente – impulsionada no Brasil por nomes como Carlos Hasenbalg, Nelson do Valle e Silva e Antônio Sérgio Guimarães – sobre as desigualdades raciais (MAIO, 2015, p.13).

Maia (2015) analisa que a questão racial, em relação ao preconceito de classe, Guerreiro Ramos, analisa que o procedimento de elevação sociável dos não alvos acompanha, constantemente, o entendimento da separação por raça e cor. Ele pensa que as ideias que vem do sociólogo Donald Pierson para o entendimento racial do Brasil (Pierson, 1945), oferecendo a forma sociável de informação da preocupação da cor negra.

Em suas palavras: “o homem de cor no Brasil é uma criatura em ascensão econômica [...]. Assim, muitos dos seus fracassos são atribuídos ao preconceito racial quando, muitas vezes, devem ser atribuídos aos de classe. Na Bahia corre um dito, de que branco pobre é negro e negro rico é branco, o que dá, em forma pitoresca, alguma medida desta luta de classes (RAMOS, 1946, p.6).

Maio (2015) verifica a análise, feita por Alberto Guerreiro Ramos mostra que o preconceito presente dos brancos em relação aos negros, mostra claramente que as questões psicoculturais das modificações sociáveis aproxima uma interessante proporção do que intitula “a diferença dos dois mundos”.

A brancura seria uma “ideologia”, uma “sociologia inautêntica” ou “falsa-consciência” por ser um traço superestrutural, psicológico e sustentado, mormente, por elites que não aceitam o caráter mestiço de nosso povo, de nossa infraestrutura social (CAMPOS, 2015, p.103).

Júnior (2015) apresenta que os entendimentos de Alberto Guerreiro Ramos o modo de relação racial presente pelos brancos europeus. A forma como eles se vinculam através de dois processos: relações raciais e a dominação do branco.

Segundo Guerreiro, nas relações raciais, a dominação dos brancos europeus se deu não somente pela força e violência, mas também se vincula a “um sistema de pseudo-justificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica” (Ramos 1957, p. 219). Ou seja, a ideologia da superioridade racial dos brancos foi naturalizada, generalizada e consumida por brancos e não brancos (mestiços e negros, nas palavras do autor) (RAMOS, 1957, p. 219).

Maio (2015) analisa através da aceitação, de Guerreiro Ramos, no Teatro Experimental do Negro, (TEN) sua finalidade compreensão para a dificuldade racial tem desvio: ao sentido reconhecimento de governos de nação, ele passa revelar empreendimentos de coordenação da estrutura social voltadas com finalidade o progresso do conhecimento necessário e a implantação do negro no comércio de emprego.

Esse avanço de prática, central na mudança das organizações socioeconômicas, a proporção abstrata da modificação, pretendia realizar com relação das pessoas negras, na modificação de práticas, procedimentos e atitudes. Na compreensão de Guerreiro, o método de “correção” das quantidades de cor fechada auxiliado das transformações da condição sociocultural do Estado.

Na discussão que Alberto Guerreiro Ramos participou do primeiro Congresso do Negro realizado pela UNESCO, trouxeram consigo um questionamento sobre a bailarina Katherine Dunham, que estava participando do evento sendo que essa bailarina foi impedida de poder entrar em um hotel na cidade de São Paulo, por ser negra trazendo vários questionamentos, devido o protesto a satisfação do ato racista nos anos de 1950.

Essa aliança entre cientistas sociais e ativistas negros foi responsável pela manifestação de desagravo ao ato racista que impediu, no dia 13 de julho de 1950, a bailarina e antropóloga negra norte-americana, Katherine Dunham, de se hospedar no Hotel Esplanada. O evento foi promovido pela Comissão de São Paulo do 1º. Congresso Nacional do Negro, do TEN e do Centro Folclórico Mario de Andrade (MAIO, 2015,p.85).

Um acontecimento histórico na vida de Guerreiro Ramos sobre racismo, ocorreu pelo fato do autor esperar o pai de sua esposa falecer para depois casar-se com ela, porque o pai da esposa dele não o aceitava por causa de sua cor (MAIO, 2015, p.610).

Além disso, Alberto Guerreiro Ramos, analisou alguns sofrimentos de pessoas negras que aconteceu no Brasil, como por exemplo, o caso da bailarina, entre outros. Em um relato de uma manchete saiu falando sobre a pureza racial branca, entre a história de vida que experimentou Guerreiro Ramos.

Guerreiro enumera vários casos dessa natureza: um poeta alagoano que escreveu um tratado arianizante em alemão e ficou ofendido ao ser chamado de “grande poeta negro do Brasil” por seu editor argentino; outro poeta nortista, que apelou para um exame de sangue para provar sua pureza racial branca; um romancista negro “embranquecido por processos decorativos, químicos e mecânicos”, que se autodenomina “moreno carregado”; um intelectual “branco” pernambucano, que declara explicitamente sua abjeção à ideia de ver um parente próximo casar-se com um negro, pois a cor representa o que há de maligno, soturno e repulsivo; um redator de O Globo,

de origem nortista, declara que a beleza de uma bailarina negra é tão grande a ponto de embranquecê-la (RAMOS, 1957, p. 229).

Os casos citados foram para mostrar que os negros, na maioria das vezes são discriminados muito facilmente, no caso da bailarina que foi proibida de entrar em um hotel em São Paulo, mostra que existe uma inter-relação com o caso da manchete de um exame de sangue para se declarar que é branco isso tem inúmeros significados porque mostra um ponto de vista de um norte americano, um alagoano, e um pernambucano, fazendo uma crítica em relação do preconceito de ter um casamento com um negro. Essa realidade é vivenciada a todo o momento não imaginamos, mas inúmeras vezes o negro sofre um preconceito, por si próprio através da não confirmação ou por passados problemas pessoais, vivências de discriminação.

3.2.1 A democracia racial, questão racial e o entendimento do drama de ser dois

A democracia racial controla, por outro lado, visibilidade como a instituição de um conjunto de direção de prática (ação, perspectiva, consciência e princípios enraizados no bom senso). Desta concepção, os negros e mestiços exerceriam, no Brasil, de tal modo que sua cor não preocupante um elemento importante da composição de sua maneira e da compreensão.

Apesar de que os indivíduos compreenderam a diferença social, porém esta, ocasião não iria decidir a raça, a ocorrência, preocupa observação episódica e delinquente. O negro conseguiria proceder-se assim, um caminho sociável, sem que sua cor fosse atribuída neste caminho (GUIMARÃES, A.S.A., p.129, 2001).

A concepção da semelhança brasileira nacional, que se conquista o aspecto da questão racial, para o desenvolvimento reivindica o lugar, onde descreve os estudos sobre o desempenho eleitoral dos negros brasileiros, em seguida necessita de processos sociais negros e de sua integração ao público (GUIMARÃES, A. S.A., p.122, 2001).

Até então, ou seja, até os anos 30, o Brasil tinha reconhecidamente uma questão racial, cujos fundamentos eram biológicos e demográficos. Assim, enquanto perdurou a importação de escravos africanos ou enquanto o volume de migração européia foi diminuto, éramos vistos por nossas elites como uma nação sem povo e sem uma cultura nacional (Skidmore, 1976, citado por GUIMARÃES, p. 125).

As origens de Guerreiro impactaram sua obra? Em caso positivo, como?

Essa pergunta foi feita em seu livro: Guerreiro Ramos: coletânea de depoimentos em que o autor Ariston Azevedo responde nos documentários.

Evidentemente que a circunstância de ele ser negro teve encontro grande em seu

caminho organizacional e racional.

Nesse sentido, sua compreensão com o Teatro Experimental do Negro (TEN) através de décadas de 1940 foi um enorme relevância para seus princípios e o próprio caráter. Você é experiente que seu principal exemplar divulgado foi um livro de poesias? A obra é o drama de ser dois. Esse tempo, o drama a que ele se menciona, e que esta manifesto em seus poemas, é entre o seu fim a um projeto divino e sua situação de ser terreno. Esta conclusão adaptada por Darcy Ribeiro e por Costa Pinto, em que se representam a exigência do mulato na comunidade brasileira: alguém que põe entre o mundo do negro e o mundo do branco. As obras que ele registrou no TEN representam bastante justamente uma apreensão com o método de libertação do negro da mancha que o branco lhe tinha convencido. Portanto, isso forma parte da história de Guerreiro, este posicionamento em sua hipótese e é certo que teve expectativa. A circunstância de negro, sua situação de obediente de uns pais envolvente, de um intelectual de contorno, tudo isso está publicado em suas ideias (CALVACANTI, 2014).

Guerreiro Ramos não queria abandonar a drama de ser dois, por ser uma característica que vivenciou aos 22 anos e uma que aos 67 estava no final de sua vida, mostrava que estavam sempre entre suas formas de ver e falar com os simples detalhes de sua vida.

Ainda hoje eu acho que esse é um traço fundamental do meu perfil: eu não pertencço a nada. Não pertencço a instituições, não tenho fidelidades a coisas sociais; tudo o que é social, para mim é instrumento. Eu não sou de nada, estou sempre à procura de alguma coisa que não é materializada em instituição, em linha de conduta. Ninguém pode confiar em mim em termos de socialidade, de institucionalidade, porque isso não é para mim; não são funções para mim. O meu negócio é outro (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4).

Nesta fase observa-se que Alberto Guerreiro Ramos, apresenta que não podia modificar duas formas de vida que existia na realidade a forma de ver a realidade e a forma de viver, que o artigo o drama de ser dois apresentava no seu contexto, era considerado duas divisões de mundo o presente e o mundo imaginário.

Sem abandonar de todo o sentido que a expressão “drama de ser dois” possuía como definição de sua personalidade, e já sendo considerado como um dos maiores sociólogos brasileiros, Guerreiro Ramos adotou a expressão inglesa *in-between*, tomada emprestada de Eric Voegelin, por quem nutria muita admiração, para explicar tal condição existencial. Voegelin recuperou a noção platônica de *metaxy* para poder afirmar que a existência humana contempla uma estrutura intermediária (*in-between structure*), na qual a

consciência humana se desenvolve. As pessoas experienciam essa estrutura intermediária da existência como um campo de tensão entre polos contrários, tais como vida e morte, perfeição e imperfeição, tempo e eternidade, mortalidade e imortalidade, etc. Para Voegelin, nós não “existimos” em nenhum dos polos dessa tensão, mas, na realidade, entre eles. Seria um erro, adverte o autor, considerar tais polos objetivamente. Trata-se de sentidos ou índices, entre os quais nos movemos, existencialmente.

Para Alberto Guerreiro Ramos, o drama de ser dois possuía a sua personalidade sendo que os autores vivenciaram ao longo dos anos mostra e deixa claro que a sua vida era uma realidade diferente de se pensar em ser dois mundos contraditório o mundo dos brancos e o mundo dos negros. Guerreiro sempre se questionava e analisava que o mundo dos brancos era sempre de maior vantagem do que o que o negro tinha, mas sempre batalhando para conquistar a sua dignidade e se tornar destaque na sociedade brasileira deixando claro que ser negro pode sim conquistar sim um longo caminho pela frente. O que ocorria muito das vezes o conflito existente entre brancos e negros, porque sempre essa divisão de dois mundos para o autor era como uma briga e morte porque sempre houve conflito de anos passados e com o presente do mundo de hoje.

Assim, associando as expressões *drama de ser dois* e *in-between*, disse ele certa vez: aquele pequeno livro de poesias “[...] é realmente uma expressão do que eu sempre fui. Em inglês existe uma expressão: *in-betweeners*. Estou *in-between*. Nunca estou incluído em nada. As minhas metas são a única coisa em que estou incluído; não há pessoas que me incluam.” (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4). Em outra passagem de seu último livro, diz: “a verdadeira existência, individual tanto quanto social, nunca é um fato – uma simples manifestação externa evidente por si mesma”, mas “alguma coisa intermediária – *in-between*”, quer dizer, “uma tensão entre o potencial e o real” (Guerreiro Ramos, 1981, p. 126-128).

De acordo com Ariston Azevedo e Renata Ovenhausen Albernaz foram analisados os comentários de Darcy Ribeiro, Costa Pinto em “O drama de ser dois”, porque mostra nos comentários que os autores tiveram contato com Alberto Guerreiro Ramos. Observaram que tinha a divisão de dois mundos conflitantes: o mundo dos negros e o mundo dos brancos, isso era questionado por os autores a seguir, fazendo uma comparação de uma forma de ver a realidade que certo grupo de pessoas vivem como o outro grupo de pessoas de outras formas viviam.

Darcy Ribeiro, por exemplo, fez uso da expressão para se referir à condição dramática a que estava exposto o mulato brasileiro, o qual, segundo o antropólogo, experimentava “dois mundos conflitantes”: por um lado, o mulato participava do mundo do negro, mas era por este rechaçado; de outro

lado, ele também vivenciava o mundo do branco, que também o rejeitava. Assim, concluía o autor, era exatamente nessa condição dual de existir que o mulato humanizava-se, quer dizer, tornava-se humano “no *drama de ser dois*, que é o de ser ninguém” (Ribeiro, 1995, p. 223, grifos nossos).

Observamos que a vivência de o jovem Alberto Guerreiro Ramos, ser um negro, mostra o aspecto em o drama de ser dois por causa de uma experiência vivenciada pela o autor. Mostra também que seguidamente adequações de sentença formaram o significado da característica diferente da vida que se referiam deixando com a mesma categoria de esfera sociológica para determinar o mulato brasileiro.

Costa Pinto, bem antes do antropólogo e ex-senador, ao abordar as elites negras no Brasil dos anos de 1950, deu destaque à mudança em seu comportamento e modalidade de ação social. Haveria, até aproximadamente a primeira metade do século XX, uma “antiga elite negra”, que teria no poeta catarinense Cruz e Souza o seu tipo paradigmático. Essa elite, procurando “esquecer” que era negra, assumia uma estratégia de inserção social que prezava e assimilava o padrão de gosto, estilo e forma do homem branco europeu, fato que levava seus membros a vivenciar aquele drama da dualidade. Na opinião de Costa Pinto, essa estratégia estaria, em seus dias, fadada ao fracasso, porque o negro, “quando já está quase convencido disso [de seu embranquecimento], uma querela insignificante, um bate-boca na rua, um fato qualquer [...] gera um comentário, um apelido, um riso, um olhar às vezes, que rasga de chofre a realidade diante dele, coloca-o de novo no seu lugar e ele sente, então, com extrema intensidade, o *drama de ser dois*”. No entanto, uma “nova elite negra” vinha se configurando na sociedade brasileira a partir dos anos de 1950., designada como as “novas elites negras”. Seus membros, porque procuravam ascender socialmente assumindo a “negritude”, não mais estariam expostos ao drama da dualidade – agora eram alguém (Costa Pinto, 1998, p. 241, grifos do autor).

Nessa nova elite negra, Alberto Guerreiro Ramos ocupava lugar de destaque. Observa-se que a rivalidade entre os dois mundos, como propôs para Costa Pinto, é uma forma de ver a realidade diferente porque, onde uma parte antes era composta por elites negras que era a primeira fase da época em que havia mudanças nos anos de 1950. A outra característica de acordo com o embranquecimento que era uma nova elite negra que se apresenta e mostra que a realidade que viviam se estavam transformando através dos dois mundos que foram apresentados.

3.3 Análise do documentário: “Mesa de Discussão: O Teatro Experimental do Negro”

No ano de 2014 foi gravado um documentário, localizado na cidade de São Paulo, completando-se os 100 anos do Teatro Experimental do Negro que Abadias Nascimento junto com historiador, pesquisador Christian Fernando dos Santos Moura e pessoas que fizeram parte da construção e peças teatrais que foram preparadas pelos participantes da

mesa redonda que ocorreu sobre a experiência vivenciada por eles no Teatro Experimental do Negro.

No Brasil o momento surgiu-se com as peças teatrais no Teatro Experimental do Negro e único negro que estava presente era um garçom ao fim da peça levando uma bandeja. Por esse debate entre os integrantes eram autoritário que apenas um garçom exercesse parte assim a peça teatral com a participação.

No Brasil, o Teatro Experimental do Negro, teve um questionamento porque o teatro experimental do negro e não teatro Experimental do branco? Esse questionamento surgiu a partir do entendimento que o Teatro Experimental do Negro, era comparação que desenvolvia para indicar o pátio de um tabuleiro problemático, e na realidade do teatro era efeito de atribuição que havia na localidade onde o teatro com todo essas indicações com tudo que demonstrei que não existe o teatro em que fosse o ator negro que faz-se os atores negros permaneciam passando o período por encontrado do teatro.

O Teatro Experimental do Negro deslocou com a comunidade quando a sociedade com as pessoas assim como os intelectuais e aluno etc, o grupo do Uri que é um comunidade de pessoas, porque um acontecimento novo havia no final o episódio novo do teatro brasileiro, tão grande que o TBC, que eram peças de teatro que os atores estabeleciam da atribuição e passava no teatro. Quando produziu terra sobre terra, uma peça do Abilho Grande Almeida, ele trouxe atores e atrizes para compor o seu elenco aceitava por fim vou precisar de preto, ao ator que elaborou o anjo negro Orlando Gui, estava na função de Maria de Lá e no sentido de encaminhar Orlando Gui, deu a função para ele que mesmo formando o personagem da peça, ou seja, a peça o anjo negro de verso Rodrigues diferente incentivo do Teatro Experimental do Negro.

O Teatro Experimental do Negro, foi uma assistência brasileira que considerou o assunto tinha um líder de sua criação peças de caráter afro-brasileiro havia surgido a arruada de Joaquim Ribeiro, um peça impressionante que era acima de o figurado afro-brasileiro do sinal de vista religioso e foi feito no ano o chelsia acaba ser o elenco.

Abaixo segue um comentário do participante do evento Chrstian Fernando dos Santos Moura que explica sobre o autor Alberto Guerreiro Ramos que ajudou e muito no Teatro Experimental do Negro:

O professor Guerreiro Ramos que é uma grande referência do estudo da sociologia brasileira ele criou uma coisa criada psicograma que era uma espécie de uma aula de psicologia ou de psiquiatria coletiva porque o universo do teatro as pessoas que frequentavam eram empregadas domésticas, os subempregados, de várias coisas da construção civil, então o pessoal se carregava aquela herança, de complexo, aquela herança de

inferioridade e realizamos através deste processo de psilograma sacudíamos as pessoas e começavam a crença participando das coisas que o teatro proporcionava o primeiro congresso de Afro-brasileira, era o professor Darcy Ribeiro, que foi outro grande entusiasta do teatro Experimental do Negro (MOURA, 2014).

Um ponto de visibilidade programática de reprodução da comunidade brasileira está formando cinema, novelas, que está apresentado pra geralmente apresenta pessoa e narrativa moderado tempo adiante do turismo como um desenho boa sorte que existe há 70 anos de realidade do Teatro Experimental do Negro, passou sua marca muito amplo jamais somente na associação que surgiu é a citação do que dirigir-se após.

Os pontos que controlariam ter continuidade assim como o Teatro Experimental do Negro, é que em um domingo em Brasília neste ano tudo isso compõem uma narrativa, por exemplo, entre de uma escola de teatro , entre as escolas e dentro das universidades, de uma escola de arte quase que é que é seguida de um percurso como é acompanhada , por exemplo, o percurso é atribuístes que motivados é na diferença nas matrizes africanas puxa e destacam emprego de igualdade da nação.

As situações que foram examinadas acima são atributos do Teatro Experimental do Negro que os membros alguns sinais relevantes e primeiros que quem se encontrava no documentário um entretenimento encontraram de alguns processos que foram analisados trocas de experiências que são relevantes para o Teatro Experimental do Negro, na existência de pessoas que estabeleceram parte e tem os filhos do Teatro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de Alberto Guerreiro Ramos são úteis para tratar a questão do racismo no Brasil de hoje, destacando que na Administração Pública brasileira, Guerreiro Ramos é um representante significativo por ser quem sugeriu a reforma sanitária. Através dessa reforma sanitária surgiram políticas públicas e projetos para a construção de sanitários, entre outros benefícios para as pessoas que não tinham saneamento básico. Além disso, Guerreiro Ramos foi deputado, contribuindo para com projetos para o legislativo, a fim de trabalhar e ajudar a população brasileira, principalmente os negros.

A análise que verificou-se, ao longo deste trabalho, é que o racismo está presente na sociedade em todo o contexto brasileiro e que são as pessoas negras que são as maiores vítimas de racismo, assassinatos e violência.

Observou-se nas análises que foram verificadas pelos artigos de Guerreiro Ramos que cada artigo traz consigo uma característica específica do negro na sociedade brasileira, incluindo negros nascidos em terra brasileira e negros estrangeiros que vieram passear no país, como o caso da bailarina. Além disso, a própria história de vida de Alberto Guerreiro Ramos mostra que os negros já sofriam racismo, desde muitos anos atrás.

Através do documentário “Mesa de Discussão: O Teatro Experimental do Negro”, mostra a construção do teatro, por meio da ideia que Abadias Nascimento trouxe do Peru; a inserção de várias pessoas para assistir à peças teatrais; e a fazerem parte do teatro.

Muitos pesquisadores analisam que os frutos que surgiram do teatro experimental do negro, de Alberto Guerreiro Ramos, foram peças chaves para o surgimento de conquistas relevantes para uma sociedade mais igualitária, onde se espera que o negro tenha mais espaço e que consiga experimentar novas estratégias e formas para lutar pela transformação de um Brasil melhor.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. S. **Guerreiro Ramos: o personalismo negro**. Tempo Social. Revista de sociologia da USP, v. 18, nº2.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Decreto nº 37.608, de 14 de Julho de 1955 - Publicação Original. Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37608-14-julho-1955-336008-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 de Julho de 2018.
- BRINGEL B., LYNCH C., MAIO ;M. **Sociologia periférica e questão racial: revisando Guerreiro Ramos**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n.73, p.9-13, Jan/Abr.2015.
- CAMPOS, L.A. **“O negro é povo o Brasil”: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955)**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p. 91-110, Jan./Abr. 2015.
- CAVALCANTI, B.; DUZERT, Yann, MARQUES, Eduardo. **Guerreiro Ramos: Coletânea de depoimentos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p.240.
- DOMINGUES, P. **“Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.”** Revista Tempo, São Paulo, p. 100-122, Março 2007.
- DUARTE, Abelardo. **Folclore negro das Alagoas: áreas de cana de açúcar: pesquisa e interpretação**. Maceió: Edufal, 2013.
- ECHER, I. C. **“A revisão de literatura na construção do trabalho científico”**. Revista Gaúcha Enfermagem, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 5-20, Julho 2001.
- FERNANDES, S. L. SANTOS, A. de O. dos.CASCO, R. **“A importância da cultura africana e afro-brasileira na história do Brasil.”** *Reserach gate*, Leitura Complementar Unidade I, Janeiro 2015, p. 6-21.
- FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Biografia de Alberto Guerreiro Ramos**. 2001. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/guerreiro_amos>. Acesso em: 20 de Junho de 2018.
- FILHO, D. P. **A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira. Estudos Avançados**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro: nº25, 1997, p.159-77.
- GARCIA, Alessandro Betel. **O povo brasileiro de Darcy Riberio matriz tupi**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQOPdiEdX24&t=732s>>.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas. São Paulo, v.5, p.29-30, 2010.
- GUIMARÃES, A. S. **A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos)**. Tempo Social; Revista Sociologia, São Paulo, v. 13, p. 121-142, nov. 2001.
- JÚNIOR, J. F. A Atualidade do Pensamento de Guerreiro Ramos: branquidade e nação. **Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p.111-125, Jan./Abr. 2015.**

LYNCH, E. C. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico.

MAIA, J. M.E. **A Sociologia periférica de Guerreiro Ramos**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, nº73, p. 47-58, Jan./Abr. 2015.

MAIO, M. **Guerreiro Ramos interpela a UNESCO: ciências sociais militância e antirracismo**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 77-89, Jan./Abr. 2015.

MOURA, C. F. S; NASCIMENTO, E. L. do.; MOREIRA, Rui. **Mesa de discussão: “O Teatro Experimental do Negro” - Parte 1**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hDRJm53wyPA&t=41s>>. Acesso em: 23 de julho de 2018.

MOURA, C. F. S; NASCIMENTO, E. L. do.; MOREIRA, Rui. **Mesa de discussão: “O Teatro Experimental do Negro” - Parte 2**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hDRJm53wyPA&t=41s>>. Acesso em: 31 de julho de 2018.

OLIVEIRA, Tory. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Revista Carta Capital. Publicado 20/11/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em: 31 de Julho de 2018.

SHIOTA, R. R., **Guerreiro Ramos e a questão racial no Brasil**. Temáticas, Campinas, v.22, p. 73-102, jun. 2014.

SOUZA, G. C. de. ORNELAS, A. L. **Alberto Guerreiro Ramos e a autonomia dos estudos organizacionais críticos brasileiro: esboços de uma trajetória intelectual**. Cad. EBAPE. BR, v. 13, nº3, Artigo 2, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Biblioteca Universitária. **Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos: TCCs, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. rev., atual. e ampl. Lavras, 2016.